

## Uma Carta

Rio, 2—1—914.

Srs. Directores da *Renascença Portuguesa*:

Estou deveras agradecido a V., pela cativante lembrança do envio das obras que, com uma poderosa iniciativa, tem publicado.

Já tive ensejo de percorrer o  *regresso ao Paraíso, ... Daquém e dalém morte, O Criacionismo, O Último luziada, A primeira náu*, a colecção da *Aguia*, etc. Admiro esses talentos juvenis, que souberam aliar á ressurreição política a revivescencia literaria. Aspéto inseparaveis da vida social, não se compreende que haja escritores com o vezo de os trincar, desligando-os, quando eles se integram no mesmo espirito renovador de luta patriótica.

Repetindo-lhes os meus testemunhos de grande apreço, peço-lhes que disponham do

De V.

Muito At.º Adm.º e Am.º

Bernardino Machado.



A Obra da

## "Renascença Portuguesa,"

Em 11 de Fevereiro de 1914, 1.ª lição pública sobre a «Obra e Vida de Gil Vicente», na Universidade Popular do Porto, por Alfredo Coelho de Magalhães.

Em 14 de Fevereiro, 2.ª lição pública sobre «A Obra e Vida de Gil Vicente».

Em 18 de Fevereiro, 3.ª lição pública sobre «A Obra e Vida de Gil Vicente».

Em 19 de Fevereiro, n.º 26 da *Aguia*.

Em 20 de Fevereiro, termo da impressão do livro de versos de Jaime Cortesão, *Glória Humilde*.

Em 1 de Março, n.º 23 da *Vida Portuguesa*.



## A Renascença Portuguesa

Reuniu o conselho de administração d'esta colectividade, tratando de varios assuntos de character interno.

Foi aprovado o balancete de janeiro ultimo, que acusa uma receita de 1.245\$82,8 e uma despesa de 806\$78,5, ou seja um saldo de 439\$04,3.

Foi resolvido iniciar brevemente a publicação d'uma «Biblioteca Lusitana» dirigida pelos illustres professores srs. drs. Alfredo Coelho de Magalhães e

## A RENASCENÇA PORTUGUESA

Balancete de janeiro de 1914

Saldo de 1913 . . . . .	16\$25,2	
Receita de Janeiro de 1914 (a) . . . . .	1.229\$57,6	1.245\$82,8
Despesa de Janeiro de 1914 (b) . . . . .		806\$78,5
Saldo para Fevereiro de 1914 . . . . .		<u>439\$04,3</u>

(a) Documentos n.ºs 2.321 a 2.526. Inclue o subsidio da Câmara, na importância de 600 escudos.

(b) Documentos n.ºs 474 a 527

Jaime Cortesão, com o auxilio já prometido dos eminentes escritores D. Carolina Micaelis de Vasconcelos, José Pereira de Sampaio (Bruno) e Joaquim de Vasconcelos.

Aprovaram-se 6 novos socios.



## Inquérito ao problema educativo

A primeira parte deste inquérito para o qual são convidados todos os individuos que se julgarem capazes de responder a ele consta dos seguintes pontos:

1—¿Que distinção essencial faz entre *ensino e educação*?

2—¿Entende que se podem ou devem exercer separadamente?

No caso afirmativo, ¿faz distinção em todos os graus de ensino, ou em alguns e quais?

3—¿Quais as relações entre os diferentes grupos de disciplinas e os diferentes fins educativos? Por exemplo: As sciências naturais e a moral; as sciências historicas e a consciência nacional, etc.

4—¿Quais os males de que enferma o nosso ensino e educação?

5—¿E a forma de os corrigir?

6—¿Quais as qualidades e defeitos do aluno português?

7—¿E a forma de aproveitar umas e corrigir os outros?

8—¿Tem a vida um plano teórico?

9—¿O plano teórico é por si mesmo um fim; ou apenas um meio para o plano práctico?

10—¿O plano práctico é subordinado ao teórico? ou que relações reciprocas existem entre os dois planos?

AUGUSTO CASIMIRO

## A Victória do Homem

1 vol. — 40 ct.ºs

## O problema da cultura

ORDENOU-ME a *Renascença Portuguesa*, a que tenho a honra de pertencer, que vos falasse de ideias pertinentes aos fins que se propõe: e como para attingir esses fins se constituiu a Sociedade, — corre-me o dever de obediencia, aceitando a graça que me fazeis ouvindo-me, se bem que desolado porque a tão distinto auditorio não pudesse ela enviar mais idoneo, e menos enfadonho representante.

Começo por vos dizer quem somos, ou antes, o que pretendemos: pretendemos a cultura do povo português. Se interpreto com justeza o nosso comum pensamento, ou se me é licito avaliar pela minha a disposição dos meus amigos, fundámos a *Renascença* na convicção, mais ou menos consciente, de que a Patria demanda uma revolução *construtiva*: e de que a maneira mais eficaz de a tentar não são os processos vulgares da politica, mas sim uma larga acção educadora, exercida pela fundação e manutenção de jardins-escolas e escolas-officinas, universidades populares, revistas, conferencias, discussões: discussões claro está, no ambiente eliseo das idéas.

Não significa isto de forma alguma hostilidade com a politica, mas despreendimento, ou melhor ainda, tolerancia absoluta, a qual é, como sabeis, a virtude intellectual por excelencia. Alheia á politica, a *Renascença* não inquire dos partidarios politicos dos seus socios, e até hoje só tem dado, sem uma unica excepção, os mais reconfortantes exemplos de fraternidade e simpatia. Nessa irmandade espiritual que se propõe acordar um povo pela acção moral e educativa, contam-se actualmente homens de todas as classes sociais, e não só portugueses mas brasileiros tambem, cuja assistencia nos desvanece, e entre os quaes devo citar a comissão do Rio de Janeiro: Coelho Neto, Abner Mourão, Antonio Austregesilo, Correia Lima,



Emilio de Menezes, João do Rio, João Luso, Julião Machado, Oscar Lopes, Raul P. Pederneiras, Rodolfo Amoedo, Roque de Carvalho e Santos Maia.

Seja-me permitido significar-lhes neste momento, pela simpatia com que nos acompanham, a mais admirativa gratidão.

Não é a excelência dos governos que faz a grandeza dos grandes povos nestes tempos democraticos, senão que os povos bem educados fazem a própria felicidade, e a excelência dos seus governos: tal é, meus senhores, o fundamento do nosso gremio. Em pouco mais de um anno fez o maximo possível com recursos limitados, num país distraído por outras lutas, e pouco disposto a interessar-se por ideais educadores. Vimos publicando regularmente uma revista, *A Águia*, órgão principalmente de poetas, e um quinzenario de intuitos praticos e sociaes, *A Vida Portuguesa*, onde se estampam artigos de crítica, de educação e economia. Editámos varias obras, e mantemos atualmente quatro Universidades Populares: Porto, Coimbra, Pova de Varzim e Vila Rial, projectando-se outras mais.

Na Universidade Popular do Porto funcionam cursos de duas sortes. Os da primeira são publicos, num grande salão de 400 pessoas, com ideas gerais sobre literatura, historia, sciencia, filosofia, etc.; os da segunda especiais, com inscrição para 15 ou 20 alunos, onde se ensina o português, alemão, inglês, russo, história pátria, escrituração comercial, contabilidade, direito comercial e desenho. Brevemente serão organizados cursos completos com exames e diplomas, exposições e excursões de estudo.

No nosso instituto por enquanto os poetas predominam, e na verdade distinctissimos poetas. Só eles lhe poderiam ter lançado os generosos alicerces, mas só a affluencia e o concurso de trabalhadores de toda a especie poderá desenvolver praticamente o seu desejo inicial, trazê-lo ao dominio da realidade, e grangear a colaboração da nosa Patria na civilização da velha Europa, transplantada hoje para todo o mundo. Degenerámos precisamente por descumprirmos essa lei, preferindo ao trabalho normal da industria e do saber a exploração conquistadora e a aventura, ao mesmo tempo que nos isolámos da Europa, após a epoca fulgurante — *e europeia* — dos descobridores e humanistas.

Pululam hoje na mocidade os defensores do isolamento, que querem limitar a certos tons nacionalistas não só a lira dos tropeiros, (o que não discuto) mas o proprio pensamento e a actividade nacional. Significaria isso, sem duvida, insistir no maior erro consciente dos nossos antepassados.

Muito se tem dito e escrito sobre as

causas da decadencia dos povos peninsulares. Não vem a pêlo o criticar agora as soluções dadas a este problema; limito-me a indicar que, em resumo, creio atribuivel a nossa queda a duas causas fundamentais: a educação guerreira e a purificação; ou, por outras palavras, a ausencia de actividade industrial e o isolamento sistematico.

Estas duas causas, que baldaram as magnificas qualidades de Castelhanos e Portugueses (gente que mais avulta, talvez, em virtudes naturais, mais do que qualquer outra da Europa) — estas duas causas, sob novas formas, ainda hoje actuam; e porisso terão de combatê-las todos os individuos ou sociedades que, como a *Renascença Portuguesa*, tiverem por objectivo a educação do nosso povo.

Não vos falarei da primeira causa, — a mais importante sem duvida, e que permitiu a existencia da segunda. O regime da educação guerreira foi originado pela invasão arabe, e consistiu no facto de Portugueses e Castelhanos terem vivido, não propriamente dum trabalho criador, mas da energia caçadora e aventureira: — donde o atraso dos peninsulares nas funções normais da industria, da agricultura e do commercio, e a formação de um temperamento em que as faculdades romanticas da paixão e da fantasia, da impulsividade e da retorica, predominam enormemente sobre a vontade e a razão.

Com efeito, quando os Arabes no seculo oitavo invadiram a Peninsula, determinaram no caracter do Espanhol (e por Espanhol designarei doravante o Espanhol-Castelhano e o Espanhol-Português) determinaram no caracter do Espanhol uma profunda especialização. Forçado a conquistar dia a dia o seu proprio territorio, tornou-se o Espanhol essencialmente guerreiro; e desde então pelo tempo ao longo consagrou a sua vida a caçar homens e tesouros: — tesouros que outros, mais sensatos, logo depois nos apanhavam. Gente «açodada» e «de ganancia tumultuosa» nos chamou um brasileiro illustre, o snr. Oliveira Lima.

Tais as razões psicologicas dum facto atribuido á natureza do territorio, que foi o amor do pastoreio, em prejuizo da agricultura: o costume da *razia* contrariava a faina rustica, e o Espanhol viu-se obrigado a trazer consigo a subsistencia, preferindo os rebanhos a uma industria que os seus habitos de guerreiro lhe tornavam impossivel.

Transmitindo esse viver ás gerações, Ustáriz consigna no seculo xvii «o grande numero de pastores que há»; e Cook, no seu livro sobre a Espanha, «a vida errante que entrou nos costumes do homem de campo castelhano».

Foi com esta educação que se formou a alma iberica. Ora a guerra pode ser um auxiliar da nossa industria,

mas jamais a industria unica, substituindo todas as outras, sem que o corpo social venha a soírer as consequencias que nós hoje padecemos. Porisso, vêde: do seu ninho das Asturias o Espanhol voou a conquistar o mundo: e depois de o empolgar na sua garra formidavel, caiu exausto, cobrindo nas azas toda a terra; exausto, senhores, não da enormidade do seu esforço, mas da propria corrupção inherente a tal sistema.

E a regeneração, não era possível? Era. Era: mas sobreveio a segunda causa — o isolamento — que até hoje a contrastou.

Dessa segunda causa tratará o meu discurso, que á vossa bondade eu encomendo. Não vos quisera importunar com aridas questões: perdoar-me-eis tomando em conta as condições a que aludi.

(No prélo)

ANTONIO SERGIO.



UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO

## O que é o Magnetismo?

*Lição única.*

por Pedro Indiveri.

**E**RRÓNEAS crenças do vulgo supersticioso desde o século xii.

Opiniões e crenças erróneas dos ilustrados e causas de sua persistência.

Aberrações e ridículo proceder dalguns sábios. Contradições dalguns escritores.

Má vontade dos médicos. Hostilidades das academias scientificas officiais. Perseguição do magnetismo, violências e arbitrariedades dos academicos officiais. Dogmatismo dos academicos e dos frades.

A sciencia magnética (generalidades).

Antigas afirmações e méras teorias; suas aparentes contradicções. Mesmer e a 2.<sup>a</sup> das suas 27 proposições. O seu teorema 1.<sup>o</sup>. Influência das manchas solares. Afirmação de Newton. Lei da gravitação universal. Fenómenos e influências gerais magnetogenias.

Observação da influencia magnética nos vegetais, nos animais, nos minerais e no homem. Causas dos fenómenos que se observam em todos os graus da escola ontológica.

Definições do magnetismo como *agente universal*, desde os antigos pensadores até Newton e aos fisicos contemporâneos. O eter. Os raios N. A luz ódica de Reichembach. O magnetismo fisiológico de Durville.

O magnetismo definido como energia humana, desde Barthez aos magnetizadores e fisiologos contemporâneos.

O que importa saber: Não pode